



**Ivan Vale de Sousa
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento
nas Letras, Linguísticas e Artes**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
DOI 10.22533/at.ed.2891902041	
CAPÍTULO 2	9
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
DOI 10.22533/at.ed.2891902042	
CAPÍTULO 3	18
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2891902043	
CAPÍTULO 4	34
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2891902044	
CAPÍTULO 5	47
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.2891902045	
CAPÍTULO 6	54
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902046	
CAPÍTULO 7	66
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2891902047	
CAPÍTULO 8	76
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902048	

CAPÍTULO 9	89
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2891902049	
CAPÍTULO 10	101
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020410	
CAPÍTULO 11	110
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020411	
CAPÍTULO 12	124
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
DOI 10.22533/at.ed.28919020412	
CAPÍTULO 13	136
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
DOI 10.22533/at.ed.28919020413	
CAPÍTULO 14	145
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020414	
CAPÍTULO 15	154
POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28919020415	
CAPÍTULO 16	165
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.28919020416	

CAPÍTULO 17	174
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro	
Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.28919020417	
CAPÍTULO 18	185
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.28919020418	
CAPÍTULO 19	192
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.28919020419	
CAPÍTULO 20	210
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior	
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28919020420	
CAPÍTULO 21	218
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
DOI 10.22533/at.ed.28919020421	
CAPÍTULO 22	230
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020422	
CAPÍTULO 23	244
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado	
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
DOI 10.22533/at.ed.28919020423	
CAPÍTULO 24	257
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020424	

CAPÍTULO 25	267
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle	
Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.28919020425	
CAPÍTULO 26	280
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020426	
CAPÍTULO 27	291
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola	
Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020427	
CAPÍTULO 28	305
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020428	
CAPÍTULO 29	315
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira	
Maíra da Silva Gomes	
Maica Frielink Immich	
DOI 10.22533/at.ed.28919020429	
CAPÍTULO 30	324
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda	
Vicente Martínez Barrios	
DOI 10.22533/at.ed.28919020430	
SOBRE O ORGANIZADOR	335

A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM *SANZOKU NO MUSUME, RONJA*: MUITO ALÉM DO TIC-TAC

Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado

Universidade Federal de Santa Catarina - CCE/
DLLE
Florianópolis, SC

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

Universidade Federal de Santa Catarina - CCE/
DLLE
Florianópolis, SC

RESUMO: A proposta desta pesquisa foi averiguar questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo, i.e., o filme de animação japonês *Sanzoku no musume, Ronja*, do diretor japonês Goro Miyazaki. Este trabalho foi desenvolvido sob os princípios da Teoria Funcionalista postulada por Christiane Nord (2012), bem como da Tradução Audiovisual, teorizada por Díaz Cintas (2009). O foco principal trata da questão da tradução interlinguística de onomatopeias, visando a aprofundar conhecimentos da tradução das línguas envolvidas, a saber: o japonês, o inglês e o português, com o objetivo de analisar as escolhas feitas pelos tradutores/legendadores para a tradução das onomatopeias selecionadas em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Funcionalista; Tradução Audiovisual; Onomatopeia.

TRANSLATION OF ONOMATOPOEIAS IN *SANZOKU NO MUSUME, RONJA*: BEYOND THE TICK-TOCK

ABSTRACT: The main purpose of the present work was to investigate some of the questions related to the dubbing/subtitling scope, which appeared as a result of the process of audiovisual translation of the Japanese animation film *Sanzoku no musume, Ronja*, by Japanese director Goro Miyazaki. The theoretical support was based on the principles of Functionalist Approach proposed by Christiane Nord (2012), as well as the Audio-visual Translation, theorized by Díaz Cintas (2009). The question of interlingual translation of onomatopoeia is specifically examined in order to expand the knowledge concerning to the translation of the languages involved, i.e. Japanese, English and Portuguese, with the intention of analyzing the choices made by translators/subtitlers when translating the selected onomatopoeias.

KEYWORDS: Functionalist Approach; Audio-visual Translation; Onomatopoeia.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar o resultado de uma pesquisa cujo propósito foi averiguar questões que surgiram em decorrência

da tradução audiovisual do filme de animação japonês *Sanzoku no musume, Ronja*, do diretor japonês Goro Miyazaki, através de sua transcrição e tradução, visando a aprofundar os conhecimentos de tradução entre as línguas envolvidas (o japonês, o inglês e o português), e a prática de produzir comentários sobre processos tradutórios — neste caso, a tradução audiovisual (DÍAZ CINTAS, 2009; PETTIT, 2009).

No que diz respeito às diferenças e particularidades que fazem parte do contexto intercultural, propõe-se, através deste estudo, uma análise comparativa de idiossincrasias próprias a cada uma das culturas e a cada uma das línguas envolvidas no filme em questão, a saber: os idiomas japonês, como língua fonte (LF) — por se tratar da língua original do filme; a tradução audiovisual feita para as legendas do idioma inglês, a título de análise da tradução; bem como sugestões de tradução para idioma português, como língua alvo (LA).

Durante a pesquisa, para fins de análise, foram selecionadas vinte e seis (26) onomatopeias, entretanto, em virtude das limitações espaciais com vistas à publicação, optou-se por um recorte de discussões teóricas acerca de cinco (5) exemplos de expressões onomatopaicas do texto oral (áudio) no filme em japonês, comparando e verificando se essas onomatopeias foram traduzidas no texto escrito (legendas) na versão do filme em inglês, e quais foram as soluções tradutórias pelas quais o legendista optou.

O estudo apresenta também uma breve abordagem sobre os procedimentos técnicos envolvidos no processo de legendação e se estes, somados à participação subjetiva do tradutor enquanto primeiro intérprete ativo da obra fílmica, interferem na tradução intercultural do filme.

Para tanto, primeiramente as onomatopeias foram apresentadas em seu idioma original, o japonês, seguidas de suas respectivas transliterações em português; posteriormente, foi apresentada uma versão de tradução literal das onomatopeias em si para o português; foi apresentada a versão em língua inglesa apresentada na legenda da respectiva cena do filme, correspondente ao texto oral que, originalmente, continha a onomatopeia; e foram, por fim, apresentadas sugestões para a tradução do texto em português.

Cada excerto foi anexado às imagens extraídas do filme no momento em que as legendas eram exibidas em suas respectivas cenas. Desse modo, foi possível uma melhor visualização das diferenças pertinentes ao processo de legendação de cada idioma em questão.

Infelizmente, embora se tenha feito uma busca intensiva, não foi possível localizar nenhuma versão com legendas no idioma japonês. A veiculação feita pela produtora do filme em DVD somente o disponibilizou com áudio em japonês, e legendas em inglês, chinês e malaio. Por esta razão, foi preciso criar as legendas em japonês, o que foi feito por transcrição audiovisual a partir do filme, especialmente para esta pesquisa.

2 | O IDIOMA JAPONÊS E AS ONOMATOPEIAS

Trata-se de lugar comum a assertiva de que a tradução interlínguas não se refere à pura e simples transcodificação de vocábulos e expressões isoladas de um idioma para outro. Ela engloba uma série de outras condições e preceitos, principalmente quando os idiomas e as culturas envolvidas se encontram tão distantes entre si, como no caso das línguas orientais e ocidentais, ou, mais especificamente, as línguas japonesa e portuguesa.

A grande pluralidade de componentes de natureza linguística e cultural contidas, às vezes, em uma simples unidade lexical, constitui somente um dos vários desafios que se enfrenta ao trabalhar com tradução, tendo em vista que os contextos mais amplos se estendem muito além do léxico, acrescido do fato de ser hábito, por exemplo, na cultura japonesa, dizer o que se deseja, sem, no entanto, ser necessariamente claro e objetivo. Cabe, neste caso, aos interlocutores, a gestão das parcelas subjacentes à expressão propriamente dita, isto é, a compreensão do “não-enunciado”, normalmente do que chamamos de “contido nas entrelinhas”.

Uma grande dificuldade enfrentada pelo tradutor (legendista) se refere à numerosa quantidade de onomatopeias recorrentes na língua japonesa. Diferentemente do valor atribuído a este recurso estilístico nas línguas ocidentais, “as onomatopeias representam não somente sons gravados, mas uma forma de pensamento diferenciado entre o Ocidente e o Oriente” (LUYTEN, 2001-2002, p.177).

Pode-se dizer que as onomatopeias em português, e talvez no ocidente de modo mais amplo, são, de certa forma, consideradas como linguagem infantil, quase não integrando o linguajar adulto. Para os japoneses, no entanto, “não somente as onomatopeias, mas também a *mímesis* são parte integral da linguagem escrita e falada por um adulto e constituem um universo à parte dentro do idioma” (*ibid*, p.180).

Geralmente consideradas como um componente redundante, portanto dispensáveis, quando é necessário omitir parte do enunciado para que a legenda não ultrapasse o número de caracteres permitidos, seja por não serem entendidas como itens lexicais carregados de sentido e, por isso, relevantes, ou mesmo por não se tratarem de palavras facilmente identificáveis ou compreendidas pelo público-alvo (ALFARO DE CARVALHO, 2005), para um ouvinte ocidental talvez até fosse imperceptível sua exclusão da trama, já que dificilmente possuiriam tradução, mas para um espectador japonês, elas são parte integrante da narrativa, conferindo ritmo à mesma (TAKAHASHI, 2008).

No idioma japonês existem aproximadamente 1,2 mil onomatopeias, sendo que estas se apresentam sob a forma de giongo, cujos caracteres ideogramáticos (擬音語) significam respectivamente ‘imitar’, ‘som’ e ‘palavra’, dando assim o sentido de palavra que imita o som, ou seja, são as onomatopeias propriamente ditas; e há também o giseigo (擬声語: ‘imitar’, ‘voz’ e ‘palavra’), que seriam a representação de sons naturais. Além destas, há ainda outro tipo de reduplicação, a *mímesis*, definida

como “palavras que expressam, em termos descritivos e simbólicos, os estados ou condições de seres animados ou inanimados, assim como mudanças, fenômenos, movimentos, crescimentos de árvores e plantas na natureza” (LUYTEN, 2001-2002, p.181), ou em japonês, gitaigo (擬態語: ‘imitar’, ‘condição’ e ‘palavra’). Estas podem ainda ser utilizadas para descrever emoções ou sentimentos humanos, havendo situações em que representam ações e movimento e até mesmo silêncio e imobilidade (PEREIRA, 2001).

3 | TEORIA FUNCIONALISTA DA TRADUÇÃO

Dentre os princípios teóricos que nortearam esta pesquisa está a Teoria Funcionalista da Tradução, apresentada inicialmente por Reiss, Vermeer e Nord, cujo pressuposto principal centra na função comunicativa como fundamento sobre o qual sustentar todo e qualquer processo translativo. Essa vertente da tradução vem sendo bem acolhida nos Estudos da Tradução (ET), principalmente por contribuir para amainar a tensão que acompanha a premissa de que o tradutor deve, acima de tudo, se manter *fidel* ao texto original (aqui denominado Texto-Base), bem como por proporcionar uma maior autonomia em busca de soluções tradutórias, sempre tendo como base a função comunicativa em cada processo tradutório, podendo o tradutor, desta forma, objetivamente acrescentar ao texto traduzido (o Texto-Meta) “informações, explicações, notas de rodapé, ilustrações”, ou, ainda, fazer modificações de acordo com seu entendimento, como “adaptar e/ou excluir fragmentos de texto que [...] poderiam estorvar a compreensão de partes do texto meta ou do texto meta como um todo”, caso fossem mantidos como aparecem no texto base (DURÃO; DURÃO, 2016, p.32).

Sendo assim, tendo como objetivo maior o entendimento por parte do receptor do texto meta, as decisões tomadas pelo tradutor em sua prática tradutória podem e devem priorizar a eliminação de possíveis déficits informativos, que, eventualmente, possam impedir a compreensão textual (ibid, 2016).

4 | TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E A LEGENDAÇÃO

A tradução audiovisual está relacionada com o cinema, a televisão e, também, com os produtos multimídia, normalmente direcionada a textos que sejam compostos por três componentes essenciais: um código visual, isto é, as imagens; um código oral, ou seja, as vozes; e também um código escrito. A tradução audiovisual engloba gêneros como drama, informação, publicitários, e de entretenimento (ALARCÓN & HINCAPIÉ, 2008).

Dentre as modalidades existentes no campo da tradução audiovisual, no Brasil, as mais conhecidas são a legendação; a dublagem; o *voice-over*; e, mais recentemente, também o *close caption*, sendo as duas primeiras modalidades as mais adotadas

em nossa cultura. Determinadas restrições envolvidas na compreensão por parte do espectador demandam significativa habilidade de leitura, bem como um certo esforço por parte do espectador, pois este deve ser capaz de processar as informações verbais escritas, expressas em aproximadamente 60 a 70 caracteres, exibidos em apenas duas linhas, durante aproximadamente 4 a 6 segundos, enquanto uma mesma cena, ou apenas um plano dela, se mantém exposta, ficando assim, submetidas a duas principais coerções: “a temporal, visto que devem se ajustar ao tempo de duração do áudio correspondente, e a espacial, pois ficam restritas a uma porção limitada da tela de exibição” (ALFARO DE CARVALHO, 2005, p. 77), normalmente à parte inferior. E para quem assiste a um filme legendado, todas essas informações – imagens, sons e textos –, competem, efetivamente, no processo de construção de sentido, exigindo-se uma assimilação de diversas fontes de dados, fornecidos de forma rápida e simultânea.

Por agregar aspectos técnicos como os acima citados, além de considerações linguísticas e mesmo extralinguísticas, a legendação acaba por tornar-se uma modalidade de tradução que apresenta elevado grau de complexidade. Nesse processo, quase sempre ignorado pelo telespectador, não é raro que expressões linguísticas, como, por exemplo, as onomatopeias originalmente citadas no filme, sejam contornadas ou arbitrariamente eliminadas na tradução das legendas.

A atividade tradutória que envolve a legendação de uma película fílmica inicia-se muito antes da criação/tradução das legendas em si, ou mesmo da transformação do texto verbo-oral na língua de partida – o idioma original –, para texto verbal escrito na língua de chegada – a legenda propriamente dita. Dados preliminares como o produto a ser estudado e sua natureza – se ficção ou não-ficção, longa ou curta-metragem, série, outros –, o gênero – drama, comédia, aventura, infantil, animação, educativo, documentário, outros –, produtores, diretor, língua(s) original(is) e da tradução, são de suma importância à análise da tradução audiovisual. Estas situações se devem, principalmente, aos objetivos e ao público-alvo da tradução, pois estes determinam o tipo de recursos técnicos e linguísticos empregados e os registros de linguagem permitidos.

Na tradução de material audiovisual como um filme, deve-se levar em consideração o fato de que este é feito para ser visto e ouvido, e sendo um filme estrangeiro e legendado, também deverá ser lido. Deste modo, as legendas devem ser breves, para que sejam inteiramente lidas, de forma simples e direta, ao mesmo tempo em que o texto oral é pronunciado. Elas não devem demandar atenção visual e cognitiva além do estritamente necessário, pois seu objetivo é facilitar a compreensão do que está sendo dito, sem, no entanto, desviar a atenção do espectador das imagens e dos sons.

5 | O FILME

Tanto a Literatura Infanto-Juvenil (LIJ) como a animação se viam, até bem pouco tempo, relegadas a um plano inferior se comparadas às grandes obras nacionais e

internacionais do cinema. Mas este panorama vem mudando sensivelmente, além de adquirir reconhecimento crítico, tendo em vista a inclusão da categoria longa-metragem de animação na premiação cinematográfica do Oscar, assim como a participação competitiva dessa categoria em diversos outros festivais internacionais de cinema.

Grande parte desse sucesso se deve, principalmente, à explosão de filmes de animação japonesa – os *anime* – distribuídos e exibidos em diversos países. Inicialmente estrelados por meninas bonitinhas com olhos grandes, vistos apenas como curiosidade cultural no Ocidente, o mercado de *anime* se tornou um dos recursos de exportação mais valiosos do Japão nos últimos anos. Incluído neste rol em constante expansão, estão os filmes do premiado diretor japonês Hayao Miyazaki. Seus filmes, além de grandes sucessos, falam para todas idades. Do mesmo modo, seu filho e sucessor, Gorō Miyazaki, vem obtendo grande reconhecimento no meio fílmico em âmbito internacional. Como é o caso com o filme dirigido por ele e co-produzido pelos Studios Ghibli, *Sanzoku no musume, Ronja* (山賊の娘ローニヤ), de 2014, ganhador dos prêmios Asian Television Awards – Best 2D Animated Programme (2015), e International Emmy Awards – Kids: Animation (2016), analisado nesta pesquisa.

Sanzoku no musume, Ronja ou, livremente, em português, *Ronja, a filha do ladrão*, foi um filme de animação, desenvolvido para se distribuído pela emissora de televisão japonesa NHK, composto por 26 episódios. A animação foi baseada em um livro da autora Astrid Lindgren, publicado em 1981, escrito originalmente em sueco e traduzido para mais de 40 idiomas (inclusive para o português europeu). Devido ao seu grande sucesso de venda, esse livro foi amplamente adaptado para o cinema e, igualmente, para peças teatrais e musicais.

6 | SELEÇÃO DAS ONOMATOPEIAS

A seguir apresentamos as onomatopeias que foram selecionadas para análise, e avaliamos quais foram as escolhas feitas pelo legendista ao realizar a tradução destas onomatopeias do idioma japonês para o inglês. Para uma melhor visualização, serão apresentadas, além do texto proveniente do áudio, de sua respectiva transliteração, seguida de sua tradução literal do excerto onomatopaico e da tradução efetivamente feita pelo tradutor em forma de legenda, também as imagens correspondentes, extraídas das respectivas cenas do filmes na versão legendada em inglês, e também uma versão adaptada com a legenda em idioma japonês, transcrito a partir do texto audiovisual, a fim de que seja possível um melhor cotejamento entre ambos.

Onomatopeia 1:

Episódio 8 - Tempo: 08:24

Áudio	今ごろ俺たちの素晴らしい音楽に酔いしれて、そこやってすやすやお昼寝でもしているかもしれないぞ。
Transliteração	Ima goro oretachi no subarashii ongaku ni yoi shirete, soko yatte suya suya ohirune demo shiteiru kamoshirenai zo!
Significado onomatopaico	す や す や <i>suya suya</i> = Dormir tranquilamente.
Legenda em Inglês	Maybe they took a nap somewhere, after being intoxicated by our splendid music.



Em quaisquer idiomas, as onomatopeias sofrem limitações pela flexibilidade sonora da língua. Desta forma, mesmo que tentemos reproduzir um som com relativa semelhança, sua representação escrita se faz através de recursos do idioma do emissor, ainda que não constitua fonemas ou vocábulos próprios deste idioma. Assim sendo, o som de um ronco emitido pela boca de uma pessoa pode até ser imitado, todavia, sua representação escrita se apresentará na forma da onomatopeia “Zzz!”, como é o caso da onomatopeia utilizada neste excerto, que intenta uma representação sonora que ocorre, normalmente, quando se está dormindo すやすや *suya suya*. Embora exista em inglês (assim como em português) uma onomatopeia amplamente utilizada – *Zzz!*, principalmente nas histórias em quadrinhos, o legendista optou por omitir a expressão, e dizer, simplesmente, que os ladrões deveriam estar tirando uma soneca em algum lugar – “*they took a nap somewhere*”.

Onomatopeia 2:

Episódio 9 - Tempo: 14:52

Áudio	なにをめそめそ言っているの。
Transliteração	<i>Nani wo mesomeso itteiru no.</i>
Significado onomatopaico	めそめそ <i>mesomeso</i> = Choramingando
Legenda em Inglês	<i>What are you moaning about.</i>



O efeito que se deseja alcançar com o emprego das onomatopeias pode ter um valor estilístico através da combinação e modulação de valores sonoros, que podem ser reforçados pelo uso de aliterações, ritmos, assonâncias e rimas; ou pode apresentar-se, igualmente, através de uma reduplicação que pode vir acompanhada, ou não, de uma alternância vocálica (AIZEN, 1972). As reduplicações mais comuns podem aparecer basicamente de quatro formas: (i) no início da palavra (ex: papai, vovô); no final da palavra (ex: chororô, trololó); com base verbal (ex: pula-pula, corre-corre); e em situações de baby-talk (ex: pepeta; dedera).

Foi o que aconteceu neste exemplo, já que a onomatopeia apresente uma reduplicação ao expressar um balbúcio, um murmúrio めそめそ *mesomeso*, porém neste caso, mais uma vez, o legendista optou por suprimir o efeito estilístico, mantendo somente a ideia que este representaria “*What are you moaning about.*”.

Onomatopeia 3:

Episódio 10 - Tempo: 16:00

Áudio	よしよし。
Transliteração	<i>Yoshi yoshi</i>
Significado onomatopaico	よしよし <i>yoshi yoshi</i> = “Pronto, já passou.”
Legenda em Inglês	<i>There, there.</i>



Este é um caso em que se tenta reproduzir através da escrita um som emitido oralmente. Na tentativa de acalantar o bebê, a mãe o chacoalha de um lado para o

outro, enquanto diz よしよし *yoshi yoshi*. Em inglês, o tradutor optou por utilizar a expressão “*There, there*”, que em português não poderia ter uma tradução literal, senão causaria um “estranhamento”, uma falha na comunicação entre emissor e receptor.

Fica claro que um tradutor adepto ao uso exclusivo de dicionários bilíngues não seria capaz de realizar sua tarefa de forma apropriada, haja vista que nem sempre os significados apresentados pelos dicionários utilizados coadunam com o significado apresentado pela expressão, sequer com o contexto proposto. Sendo a intenção do orador a de acalmar, poderíamos dizer algo como: “Fique calmo, pronto, já passou...”, mas também é muito comum o uso oral de algo como “*Shh, shh...*”, não com o sentido de “cale-se”, mas sim com o sentido de fazer alguém ficar quieto.

Onomatopeia 4:

Episódio 11 - Tempo: 13:40

Áudio	山賊仕事していない時はすっすっと働くものよ！
Transliteração	<i>Sanzoku shigoto wo shiteinai toki wa, sussutto hataraku mono yo!</i>
Significado onomatopaico	すっすっと <i>sussutto</i> = Fazer algo rapidamente
Legenda em Inglês	<i>You should be working hard, even when you're not on the job!</i>



Neste exemplo, o original em japonês traz すっすっと *sussutto*, que traz a indicação de algo que deva ser feito tão rapidamente que produz um som imitando o vento em movimento em decorrência dessa rapidez, porém, diferentemente da língua japonesa, o uso da onomatopeia não é procedimento linguístico constante em outras línguas ocidentais, como no caso do inglês. O legendista poderia ter feito uso de algum recurso onomatopaico, uma vez que na língua inglesa temos similares como “*Zoom!*” – em português “*Zum!*”. Porém, sua escolha foi a eliminação da expressão original e o emprego de uma frase que extingue qualquer traço de expressão onomatopeica *You should be working hard*, o que pode até mesmo ter uma mesma conotação semântica,

entretanto, perde-se a sensação de algo feito de forma tão veloz que chega a produzir um som, como se o vento estivesse em movimento em decorrência dessa agilidade.

Em português, como uma possível opção, temos o culturema “vapt-vupt”, uma interjeição dicionarizada que surgiu em um programa humorístico e era utilizado por um personagem, que se inclinava em direção a uma das câmeras de transmissão, e fazia um movimento com as mãos que remete à rapidez, para avisar que haveria uma pausa ‘rápida’ para a apresentação dos comerciais dos patrocinadores, em geral, na fala: “Vou ali e já volto. É vapt-vupt” (DURÃO et al., 2017).

Onomatopeia 5:

Episódio 17 - Tempo: 14:56

Áudio	それに、何も起こってはいないのに、ビクビクするのはまったくバカげたことさ。
Transliteração	<i>Sore ni, nani mo okotte wa inai noni, biku biku suruno wa mattaku bakageta koto sa.</i>
Significado onomatopaico	ビクビク <i>biku biku</i> = Estremecer, tremer de medo.
Legenda em Inglês	<i>And it's stupid to live in dread of something that hasn't even happened yet.</i>



Este exemplo é particularmente interessante pelo fato de que demonstra um *estado físico* que pode ser facilmente compreendido por nativos nipônicos. Isto só é possível graças ao emprego da onomatopeia *ビクビク biku biku*, que significa “ficar tremendo, estremecer”. É comum o fato de que a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, os gestos, os movimentos do corpo, etc, e sendo assim, há casos em que o tradutor necessita fazer uso da tradução intersemiótica para uma melhor compreensão contextual. Neste exemplo em questão, o legendista talvez pudesse ter adaptado alguma onomatopeia como “*Brrr!*”, ambas utilizadas em inglês e português, e que não somente representa um estado de frio, mas também de medo, porém, optou-se simplesmente por dizer: “*live in dread of something*”, ou “viver com medo de algo”, o que extingue qualquer traço de expressão onomatopeica.

7 | CONCLUSÃO

Dentre as 5 expressões onomatopaicas analisadas, constatou-se, sem dúvida, uma maior recorrência da estratégia da substituição, ou seja, a qual se faz a opção por substituir o recurso linguístico apresentado na origem por algum outro com sentido similar na tradução. Observa-se igualmente que por se tratar de um recurso estilístico ímpar, a tradução *stricto sensu* está, aqui, descartada, pois embora existam conteúdos textuais compartilhados em línguas e culturas diferentes, cada onomatopeia representa especificidades de sua própria língua, e traduzi-las, bem como reproduzi-las como no original, acarretaria um estranhamento na língua de chegada.

Durante todo este processo, os tradutores de uma produção audiovisual procuram, dentro de suas limitações, respeitar as especificações técnicas em todo o percurso de uma obra. Entretanto, na prática, nem sempre isso se torna possível, e deste modo, o tradutor há que fazer uso de toda sua habilidade e experiência técnica e linguística para encontrar as melhores soluções para os problemas que venham a surgir, além de sensibilidade suficiente para se aperceber destes problemas.

A tradução de filmes apresenta questões específicas, por implicar relações nas quais se operam, num primeiro instante, processos de transferência de texto oral para texto escrito, posteriormente, de texto escrito em língua-fonte para texto escrito em língua-alvo, além, naturalmente, das imbricações entre texto oral e as legendas com as orientações provenientes de componentes imagéticos de várias ordens (e.g., cores, formas, contrastes, efeitos de profundidade e movimento), que concomitantemente a outros traços fílmicos (e.g., sons, trilhas sonoras e mesmo as legendas), circunscreve a obra em um ambiente que poderíamos chamar de “polissemiótico” – designação que se refere aos diversos sistemas sígnicos presentes, de forma simultânea, em uma obra cinematográfica.

Embora de cada espectador provenha uma interpretação individual e pessoal dos elementos concatenados que, juntos, compõem a obra fílmica, esta pluralidade de informações pode incitar recepções variadas, pois ao mesmo tempo em que viria a enriquecer o leque das eventuais interpretações que emergem da parte do espectador, conduziria igualmente a uma variedade maior de possibilidades interpretativas por parte do tradutor que, ao contrário do primeiro, deverá fazer opções e assumir responsabilidades por suas traduções.

O profissional que trabalha com a legendação de filmes, ou com tradução de legendas, detém, de certo modo, a responsabilidade sobre uma parcela da primeira interpretação do original. Naturalmente, textos quando publicados – ou filmes quando lançados – passam a fazer parte do mundo daquele que os recebe.

Circunscrita neste ambiente, a onomatopeia se torna mais um dentre os vários “problemas de ordem linguística” que o legendista terá que experimentar. Deste modo, em se tratando de línguas bastante distintas, como é o caso do japonês e do inglês – bem como do português –, o legendista poderá encontrar muitas restrições

situadas no limiar entre tradução literal e tradução do sentido, entre equivalências e correspondências, bem como entre terminologias que variam em função do suporte teórico adotado.

Foi possível observar que língua e cultura são indissociáveis, logo, o trabalho do tradutor se desenvolverá não somente na esfera linguística, mas também sob a égide de aspectos culturais, tanto provindos da cultura-fonte, como da cultura-alvo. Deste modo, o trajeto de criação, percepção e compreensão de um enunciado onomatopaico tomará por base a experiência individual de cada um dos integrantes da tríade – autor, tradutor, espectador –, considerando-se seus contextos socioculturais.

No patamar atual em que se encontram os estudos da tradução, conclui-se parecer inquestionável o fato de o tradutor precisar dominar, de modo satisfatório ao exercício de suas funções, as línguas e culturas com as quais trabalha, sobretudo o espaço situado entre as duas margens. Sendo assim, a tradução, por sua vez, exerce o papel de veículo intercultural que possibilita algum tipo de compreensão entre culturas.

REFERÊNCIAS

- AIZEN, N. Onomatopeias nas Histórias em Quadrinhos. In: Álvaro de Moya, **Shazam**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.269-306.
- ALARCÓN, N.; HINCAPIÉ, N. **Aproximación a la traducción audiovisual, un caso**. Cátedra abierta en traductología, vol. 2, anos 3 e 4. Colombia, Universidad de Antioquia, 2008.
- ALFARO DE CARVALHO, C. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras – PUC-Rio, 157 f., 2005.
- DÍAZ CINTAS, J. **New Trends in Audiovisual Translation** (Topics in Translation). 1ª ed., Clevedon: Multilingual Matters, 2009.
- DURÃO, A. B. A. B.; DURÃO, A. B. Conduzindo ao cenário onze conceitos da Teoria Funcionalista da tradução. Em: A. B. A. B. Durão; A. B. Durão; M. S. Seide, orgs. **De um cenário a outro: os bastidores de um Laboratório de Tradução**. Vol. 1. Cascavel: Ediunioeste, 2016. p. 31-44.
- DURÃO, A. B. A. B.; AZEVEDO, D. N. V.; ORGADO, G. T. M. R.; KOEPPEL, P. R. A tradução nos horizontes de um conto infantil (do Português ao Espanhol). In: Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão; Aylton Barbieri Durão. (Org.). **De horizonte a horizonte: traduções comentadas**. 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2017, v. 1, p. 33-81.
- LUYTEN, S. M. B. Onomatopeia e mímesis no mangá: a estética do som. In: **Revista USP**, São Paulo, nº. 52, dezembro/fevereiro 2001-2002. p.176-188.
- NORD, C. **Texto Base – Texto Meta: un modelo funcional de análisis pretraslativo**. Trad.: Christiane Nord. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I. D. L., 2012.
- OITTINEN, R. **Translating for Children**. New York: Garland Publishing, 2000.
- PEREIRA, F. P. Pequeno estudo comparado das Onomatopeias das Línguas Portuguesa e Japonesa. In: **XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e II Encontro de Estudos Japoneses**. Rio Grande de Sul: Gráfica UFRGS, 2001. p. 211-225.

PETTIT, Z. Connecting Cultures: Cultural Transfer in Subtitling and Dubbing. In: **New Trends in Audiovisual Translation** (Topics in Translation). 1ª ed., Clevedon: Multilingual Matters, 2009. p.44-57.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. Athens/London: The University of Georgia Press, 1986.

VENUTI, L. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro de Carvalho. Revisão técnica de Paulo Henriques Britto e Maria Paula Frota - p.111-134. In: **Revista Palavra**, 3 – Dptº Letras – PUC/RJ, 1996.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289